



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

PEDRO OLAVO PEDROSO CAVALHEIRO

ECOS: OS PERSISTENTES SONS DO PASSADO

MARIANA
Agosto de 2023

PEDRO OLAVO PEDROSO CAVALHEIRO

ECOS: OS PERSISTENTES SONS DO PASSADO

Memorial de pesquisa apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II

Orientador: Prof: Flávio Pinto Valle

Mariana
agosto de 2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C376e Cavalheiro, Pedro Olavo Pedroso.
Ecos [manuscrito]: os persistentes sons do passado. / Pedro Olavo
Pedroso Cavalheiro. - 2023.
27 f.: il..

Orientador: Prof. Dr. Flávio Pinto Valle.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Mariana (MG) - História. 2. Colonização - Brasil. 3. Fotografia -
Mariana (MG). 4. Fotolivros. 5. Machismo. 6. Racismo. I. Valle, Flávio
Pinto. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 77.044(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Pedro Olavo Pedro Cavalheiro

Ecoss: os persistentes sons do passado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel

Aprovada em 31 de agosto de 2023

Membros da banca

Doutor - Flávio Pinto Valle - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor - Frederico Salomé de Oliveira - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Mestre - André Luís Carvalho - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Flávio Pinto Valle, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 15/09/2023



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Pinto Valle, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/09/2023, às 10:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0592214** e o código CRC **6EFEFCA7**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meus pais, os professores Amarildo Cavalheiro e Marlene Maria Pedroso, por terem me guiado e apoiado por todo o caminho que percorri até chegar neste momento e por terem me ensinado a importância do estudo, da educação e da ética.

Também agradeço a meus amigos da República Divina Comédia, tanto aos moradores quanto aqueles que frequentavam e apoiaram a casa em seus momentos bons e ruins. Foi nesse ambiente que aprendi a importância do companheirismo e do respeito ao próximo. Em momentos difíceis eu sempre pude buscar asilo nas conversas, nas piadas e nas festas. Foi nessa casa em que eu descobri que não precisava estar sozinho.

Agradeço também a toda a equipe de professores e técnicos que me auxiliaram durante o curso de Jornalismo, em especial a meu orientador e amigo Flávio Valle por ter demonstrado gigantesca paciência e zelo com meus textos e fotografias, sem sua ajuda, acredito que jamais teria conseguido chegar até o final deste curso. E também ao professor e amigo Adriano Medeiros, cujo amor contagiante pelo cinema me levou em uma grande jornada de aprendizado.

Por fim agradeço a Universidade Federal de Ouro Preto e a seus funcionários. Não fosse pelo Restaurante Universitário, pelos programas de bolsa e por seu corpo docente eu nunca teria condições de adquirir tanto conhecimento. Eu fui privilegiado com uma educação pública de qualidade e por isso também juro lutar para que os que vierem depois de mim tenham as mesmas condições que eu tive para desenvolverem suas carreiras acadêmicas e profissionais.

“Enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis.”

(Victor Hugo)

RESUMO

Esse trabalho busca retratar por meio de um ensaio fotográfico os ecos da sociedade colonial brasileira presentes nas relações sociais atuais e possíveis de serem observados no cotidiano da cidade de Mariana. Os ecos são definidos como características da estrutura social atual que na verdade são fenômenos que vêm desde sociedades passadas e hoje apenas ocorrem de maneira diferente. Para retratar esses fenômenos foi produzido um ensaio fotográfico do cotidiano marianense organizado no formato de um fotolivro.

Palavras chave: Fotografia; fotolivro; cotidiano; ecos, Mariana; colonização; racismo; machismo; aporofobia.

ABSTRACT

This work seeks to portray, through a photographic essay, the echoes of Brazilian colonial society present in current social relations and possible to be observed in the daily life of the city of Mariana. Echoes are defined as aspects of the current social structure that are actually phenomena that come from past societies and today happen differently. In order to portray these phenomena, a photographic essay of the daily life of Mariana people was produced and organized in the format of a photobook.

Keywords: Photography; photobook; everyday photography; echoes, Mariana; colonization; racism; misogyny; aporophobia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - America de Theodor Ghale ----- 06

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	06
2 A COLONIZAÇÃO -----	07
3 OS ECOS EM MARIANA -----	13
4 METODOLOGIA -----	14
5 ESCOLHA DO FORMATO -----	18
6 FONTE LEGENDAS -----	19
7 MEMORIAL -----	19
8 EXPLICAÇÃO DA CAPA -----	22
9 JUSTIFICATIVA DISPOSIÇÃO DAS FOTOGRAFIAS -----	22
10 CONCLUSÃO -----	24
11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	25

1 INTRODUÇÃO

Para iniciar esse trabalho, primeiro é necessário definir o conceito de “eco”. Para isso usarei como base o conceito definido pela física acústica. No livro "Sears & Zemansky física II: termodinâmica e ondas" os autores definem o eco como um som que, após refletir em um anteparo, se repete várias vezes com um intervalo de tempo a qual é possível distinguir suas repetições (SEARS; ZEMANSKY, 2008). É importante notar que na física acústica, o conceito de eco depende de um intervalo de tempo, já que quando o intervalo de tempo não é suficiente para distinguir as repetições o fenômeno é chamado de reverberação.

Neste trabalho, os “ecos” não são entendidos da mesma maneira que nas ciências da natureza, mas sim de maneira metafórica. Assim como na física, o eco metafórico, aqui percorrido, depende de um intervalo de tempo. No entanto, em nosso trabalho, esse intervalo não é de apenas alguns milissegundos, mas sim de séculos inteiros que separam diferentes períodos históricos.

Tendo essa definição como base, aqui pensamos os ecos do passado como repetições de características de sociedades que vigoraram há muito tempo e que, até hoje, podem ser encontradas nas interações entre os indivíduos. Sendo assim, eles se assemelham muito ao conceito de anacronismo, conceito amplamente estudado por historiadores. De maneira simplificada, o anacronismo pode ser definido como atitudes e comportamentos de um período histórico que são praticadas ou relacionadas a outro período histórico. Porém, como alega Bruno Galeano de Oliveira Gonçalves, em seu artigo “Os Sentidos do Anacronismo”

[...] o conceito de anacronismo possui múltiplos sentidos que por vezes coexistem. É atribuição conceitual, obsolescência e erro de cronologia, criatividade artística, mistura deliberada de tempos, condição existencial, ferramenta intelectual, tabu e acusação profissional, e índice de consciência histórica. Tais significados atravessam disciplinas e se articulam a problemas particulares, como a relação entre conceito e contexto, a duração das obras de arte, a natureza do ofício do historiador e a consciência histórica moderna. (GONÇALVES; 2022, p. 306)

Dentre os possíveis sentidos apresentados acima, o anacronismo ao qual este texto se refere se assemelha mais ao de “mistura deliberada de tempos”. Os ecos coloniais seriam as variadas características que vigoravam na sociedade do Brasil colonial e que ocorrem atualmente.

2 A COLONIZAÇÃO

Esses ecos se fazem perceptíveis ainda hoje através das interações sociais entre indivíduos de diferentes classes sociais, etnias, religiões e gênero. O historiador Marc Ferro em seu livro “A Colonização Explicada a Todos”, define a colonização como: “a ocupação de uma terra estrangeira e distante por uma população, com sua cultura, e a instalação nessa terra, daqueles que chamamos de ‘colonos’”.(FERRO, 2017, p.11) O fato de processo de colonização ser feito pela ocupação violenta de uma terra, faz com que exista na sociedade colonial uma hierarquização na qual os colonizadores brancos, cristãos e do sexo masculino detinham um poder quase que absoluto.

A organização hierárquica da sociedade colonial era complexa e possuía vários níveis. Havia hierarquias no próprio círculo dos colonizadores, já que eles se dividiam com base em gênero, etnia e renda. São dessas hierarquizações que surgem conceitos como misoginia, homofobia, racismo, elitismo e aporofobia que existem na sociedade brasileira até hoje.

Em seu livro “Sobre o Autoritarismo Brasileiro”, a historiadora Lilia Schwarcz dedica um capítulo inteiro para estudos de raça e gênero. Neste capítulo, ela traz a análise da maneira como vários comportamentos que constituem a hierarquia de gênero atual vêm desde a colonização e tem por base a sociedade patriarcal europeia.

A misoginia se manifesta de muitas formas, que vão desde a exclusão social até a violência de gênero. Ela aparece retratada igualmente na antiga formação patriarcal na nossa sociedade, ao qual carrega, até a atualidade, a certeza do privilégio masculino, a banalização da violência contra mulher e a tentativa da sua objetificação sexual. Essas são as raízes compactas do nosso autoritarismo, que sempre trouxe consigo uma notória correlação com a questão de gênero. As mulheres deveriam atuar como "princesas", obedecendo e se subordinando aos maridos, enquanto os homens são eternos "príncipes", cientes do seu domínio e autoridade (e, mais uma vez, não há apenas coincidências com os nossos tempos atuais) (SCHWARCZ, 2019, p.186)

Além do uso dos termos "príncipes" e “princesas”, utilizados pela pesquisadora para caracterizar a misoginia da sociedade atual, que remetem diretamente à sociedade monárquica que colonizou o país, ela também traça outros paralelos entre as características da colonização brasileira e a sociedade misógina atual.

Dentre esses, talvez um dos mais interessantes e mais relevantes para a definição que tento construir aqui, é o paralelo traçado entre a descrição das indígenas elaboradas por Pero Vaz de Caminha e a atual cultura do estupro. Segundo ela, o discurso do escrivão, cuja descrição das indígenas foca em caracterizá-las como sendo belas e andarem nuas, se assemelha muito ao discurso atual que corrobora na construção da cultura do estupro, que tem em sua base a ideia de que, se mulheres se vestem com poucas roupas, elas tem por objetivos provocar atos de violência sexual por parte dos homens. Para exemplificar, ela usa o exemplo de uma das primeiras gravuras feitas da América

Uma das primeiras gravuras conhecidas da América, datada de cerca de 1580, também tentou tratar de imaginar um “amistoso” encontro entre o novo e o velho mundo. Nela, o europeu é representado como um homem branco que domina uma série de símbolos ligados à civilização: o astrolábio, as caravelas, os estandartes, os sapatos e o excesso de roupas. América, por sua vez, surge no corpo de uma mulher praticamente nua e deitada numa rede, mostrando que o novo mundo se mostrava preguiçoso e lânguido, apenas aguardando a chegada do velho. As associações com a barbárie são igualmente óbvias: falta de vestimentas ao cobrir o corpo de América, os pés descalços, os animais exóticos a rodeá-la e sobretudo as cenas de canibalismo ao fundo. Mas outro detalhe significativo: ela estende um dos braços na direção do conquistador, como se desejasse a “invasão” e o convidasse para esta. (SCHWARCZ, 2019, p.189)



FIGURA 1 - America de Theodor Ghale

FONTE - Historiques. Amérique. Tomo Unique, 1638 . Bibliotheque Mazarine, Paris, França.

A autora também relaciona a cultura do estupro e a objetificação do corpo feminino com a necessidade que o projeto colonial tinha de aumentar o número de mão de obra escravizada. Para ela, o fato de as mulheres indígenas e africanas terem sido tratadas como mercadorias e objetos de troca durante o período no qual a escravidão vigorou, solidificou a percepção objetificadora que os homens brasileiros têm hoje.

Escravizados podiam ser comprados, vendidos, leiloados, penhorados, servidos. O corpo feminino, por sua vez mais escasso nas sociedades afro-atlânticas, entrava logo na lógica interna desse "comércio de almas". Mulheres indígenas e negras, além de serem consideradas produtos de riqueza - eram utilizadas na agricultura, na casa-grande, nas cidades e na mineração -, serviam a seus proprietários como instrumento de prazer e gozo. A violência do sistema como um todo encontrava um lócus especial na sexualidade exercida pelos senhores na intimidade da alcova escravista. (SCHWARCZ, 2019, p.190)

No caso do racismo, que até hoje assola a nossa sociedade, o escritor Albert Memmi, em seu livro "Retrato do Colonizado Precedido Pelo Retrato do Colonizador", relata que este tipo de discriminação era uma ferramenta amplamente utilizada em várias sociedades coloniais, já que, taxando o colonizado como uma raça inferior, o colonizador primeiramente reafirmava sua superioridade sobre o colonizado e também justifica seus atos de dominação sobre ele com o intuito de evitar o pensamento de estar executando um ato imoral, tendo como pretexto a ideia de que o colonizado, por ser inferior, precisa ser protegido de si mesmo. Ele ainda acrescenta

Em outras palavras, e eis aqui um traço que completa esse retrato, o colonialista recorre ao racismo. É significativo que o racismo faça parte de todos os colonialismos em todas as latitudes. Não é uma coincidência: o racismo resume e simboliza a relação fundamental que une o colonialista e o colonizado. (MEMMI, 1977, p. 68)

Sendo o racismo "a relação fundamental" do colonialismo, não é difícil perceber que até hoje esse tipo de discriminação se mantém na sociedade brasileira, servindo assim como forte indicativo de como os ecos do passado continuam a aparecer nos tempos presentes.

Entre os colonizados também havia uma hierarquia baseada em fatores parecidos, o discurso colonialista muitas vezes fazia com que o colonizado buscasse agir o mais próximo possível da maneira do colonizador, a fim de manter o máximo de distância possível dos seus semelhantes. Memmi também analisa isso:

Os representantes da autoridade, quadros, “caides”, policiais, etc, recrutados entre os colonizados, formam uma categoria de colonizados que pretende escapar a sua condição política e social. Mas, tendo escolhido devido a isso, colocar-se a serviço do colonizador e defender exclusivamente suas intenções, acabam por adotar sua ideologia, mesmo em relação aos seus e a eles próprios. (MEMMI, 1977, p. 30)

Essas características coloniais persistem até hoje e são objetos de estudo de muitos pesquisadores. O próprio Marc Ferro relata, no capítulo “A Herança de Hoje” de seu livro citado acima, no qual ele mostra como as sociedades atuais ainda carregam semelhanças com a sociedade colonial, que “Nunca a herança da colonização pareceu tão marcante como hoje, cinquenta anos depois das últimas independências.” (FERRO, 2017, p.95).

O sociólogo Jessé Souza, outro importante estudioso da maneira como a sociedade atual ainda mantém várias características da sociedade colonial, disserta, em seu livro “A Classe Média no Espelho”, sobre como se consolidou um padrão de crueldade abissal que reproduz modos da sociedade escravocrata, já que as classes mais pobres, majoritariamente composta por pessoas pretas são segregadas desde o nascimento. Ele ainda adiciona que:

Mas um tipo semelhante de segregação ocorre por meio de mecanismos invisíveis como costumam ser os de classe. Ainda que a raça permaneça como indicador importante daqueles que podem ser desprezados e humilhados impunemente, são mecanismos de classe que viabilizam a nova escravidão e o novo *apartheid*. Isso se torna evidente quando temos a coragem de criticar a noção frágil, absurda e ridícula que reduz as classes sociais a seus respectivos níveis de renda, impedindo a percepção do principal entender o processo social que torna possível que uns ganhem tanto e outros tão pouco. (SOUZA, 2018, p. 140)

Ou seja, a segregação ainda existe, a mesma estrutura que vigorou no passado ainda vigora de uma maneira ligeiramente diferente, mas não deixa de ser um eco do passado.

No que diz respeito a aporofobia, usarei como base a pesquisadora, Adela Cortina e seu livro “Aporofobia, a aversão ao pobre: Um desafio para a democracia”, no qual ela discute como a Espanha trata seus turistas e imigrantes de maneiras diferentes. Segundo ela, os turistas são bem tratados e até desejados no país, enquanto os imigrantes são vistos com desprezo. Ela então chega à conclusão de que em muitos países da Europa o preconceito mais latente não é a xenofobia. Não são culturas diferentes que geram asco no povo europeu, mas sim a condição econômica das

pessoas que entram no país. Para caracterizar isso ela define o fenômeno da aporofobia

[...] a aporofobia, o desprezo pelo pobre, o rechaço a quem não pode entregar nada em troca, ou, ao menos, parece não poder. E por isso é excluído de um mundo construído sobre o contrato político, econômico ou social desse mundo de dar e receber, no qual só podem entrar os que parecem ter algo de interessante para dar em retorno.” (CORTINA, 2020, p.18)

Essa dicotomia pode ser vista também nas ruas marianenses, já que turistas são bem-vindos e incentivados a visitar a cidade, mas trabalhadores e pessoas que vêm para a cidade buscar condições melhores, muitas vezes são vistas com maus olhos.

Podemos encontrar nos textos de Jessé Souza uma boa explicação do porquê esse fenômeno é um eco da sociedade colonial. Jessé explica em seu livro “A Classe Média no Espelho” que a escravidão despertou nas classes brasileiras mais abastadas a aversão pelo trabalho braçal e conseqüentemente a aversão pelo trabalhador braçal. Conforme o tempo foi passando, essa mesma aversão foi se traduzindo para os novos tipos de economia, saindo de uma aversão ao trabalho braçal e se tornando uma aversão ao proletariado.

Uma vez que o desprezo pelo trabalho manual, antes exercido pelo escravo, perdura entre nós, agora no ambiente capitalista, sob a forma de estigma que afeta as classes populares do trabalho manual como um todo, o medo da desclassificação social atíça paixões radicais que flertam com o facismo (SOUZA, 2018, p. 132)

Outro ponto importante que se faz notar em toda a cultura Brasileira, é a constante influência europeia nos nossos modos de vida. Nas ruas de Mariana isso pode ser visto nas tendências da moda, que muitas vezes seguem padrões europeus, na arquitetura das casas e igrejas, na presença de logomarcas de empresas vindas de outras nacionalidades. Memmi também comenta sobre isso em seu livro que já citei acima.

Mas, exageram sua dilaceração: se organizaram seus hábitos quotidianos na cidade colonial e, para ela importam e a ela impuseram os costumes da metrópole, onde passam regularmente suas férias, de onde recolhem suas inspirações administrativas, políticas e culturais, é para a metrópole que seus olhos permanecem constantemente voltados. (MEMMI, 1977, p. 63)

Notamos os olhos sempre voltados para a metrópole através da moda. O padrão de vestimenta do brasileiro não segue necessariamente um viés europeu, mas sim ocidentalizado. Porém, os padrões ocidentais no geral aceitos no Brasil não podem ser distanciados de um padrão colonizador. Se pegarmos o exemplo dos Estados Unidos, um país colonizado pela Inglaterra, que deve muito de sua cultura aos europeus, chegamos à conclusão que ele impôs sua cultura em países como o Brasil de uma maneira muito próxima a que a Europa fazia séculos atrás. Através do controle de canais midiáticos de informação e entretenimento, os EUA impõem à maioria dos países do ocidente seus ideais e costumes. Para perceber isso, basta ver, por exemplo, a quantidade de brasileiros que usam a bandeira Americana nas roupas e em outros objetos de adorno.

No Brasil, essa imposição cultural chegou em um nível que é possível dizer que a classe média alta brasileira praticamente não possui características próprias, já que ela tem o anseio de mimetizar as tendências ocidentais, principalmente referentes aos Estado Unidos.

Na verdade, a alta classe média comporta-se em relação às suas classes irmãs européias e americanas tal como a pequena burguesia desses países, ansiosa por imitar os gostos da alta burguesia de seus próprios países. Desse modo, perde seu centro, ou seja, sua capacidade crítica de avaliar o mundo de forma minimamente autônoma. À diferença das classes dominantes nos países centrais, ela perde a “naturalidade” que lhe permitiria identificar vocações próprias e inclinações particulares (SOUZA, 2018, p. 129)

Um fator importante que, segundo Memmi, caracteriza a estrutura colonial é uma constante disposição para o crescimento de ideologias fascistas. Segundo ele, “[...] toda nação colonial traz assim, em seu seio, os germes da tentação fascista.” (MEMMI, 1977, p.63). De modo geral, no Brasil, as ideologias fascistas se alastraram juntamente com o crescimento da extrema direita no país, fenômeno que levou Jair Messias Bolsonaro a se tornar o presidente da República e praticar um governo com variadas características autoritárias e fascistas. Memmi também diz que:

Não há dúvida alguma para quem o viveu, que o colonialismo é uma variedade do fascismo. Não nos devemos surpreender muito que as instituições que dependem, afinal de contas, de um poder central liberal, possam ser tão diferentes das da metrópole. Essa fisionomia totalitária, que assume nas suas colônias, regimes frequentemente democráticos, não é

aberrante se não na aparência: representados junto ao colonizado pelo colonialista, não podem ter outra. (MEMMI, 1977, p.64)

3 OS ECOS EM MARIANA

A cidade de Mariana foi escolhida como local de pesquisa porque é um terreno fértil para encontrar esses ecos. Ela, que é a mais antiga cidade do estado de Minas Gerais, possui um centro histórico bem preservado, facilitando a criação de conexões visuais com o passado. A cidade também possui uma forte influência da mineração, atividade que ocorre desde a sua fundação e que hoje é feita por várias companhias mineradoras.

Mariana também possui uma extensa zona rural, na qual agricultores cultivam desde pequenas hortas para subsistência até grandes plantações de café para exportação. Além dessas atividades econômicas, ela também é famosa por manter vivas tradições religiosas muito antigas, a maioria delas vinculada à religião católica.

Percebe-se que a cidade possui características que a acompanham desde sua fundação, como sua arquitetura e atividades econômicas e culturais praticadas no município, facilitando a representação visual de antigas estruturas sociais que ainda vigoram na cidade.

Em um de seus mais recentes trabalhos, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman analisa conceitos que se aproximam muito do conceito de “eco” empregado para este trabalho. Em seu livro “Retrotopia”, ele analisa como as sociedades contemporâneas de vários países têm apresentado tendências cada vez mais retrospectivas. Segundo ele, hoje ao pensar em futuros utópicos, as pessoas estão cada vez menos criando novas possibilidades e configurações sociais, ao invés disso elas buscam pensar no futuro perfeito como um resgate de tempos e costumes passados. (BAUMAN, 2017,)

Dessa forma, é possível perceber que os ecos podem surgir tanto de maneira involuntária, nas ações dos indivíduos, ou também podem surgir de ações voluntárias que buscam justamente alcançar um passado perdido.

Em Mariana, pode-se identificar esses ecos de várias maneiras, na maioria das vezes eles estão ligados a aspectos racistas, paternalistas, sexistas, aporofóbicos e elitistas da sociedade. Um bom exemplo visual são as placas de estabelecimentos espalhadas pelo centro histórico, como “almoço colonial”, colocadas de maneira a exaltar a cultura colonial que um dia vigorou na cidade, locais denominados “bandeirantes” também são muito comuns, o nome faz homenagem aos bandeirantes, grupos de indivíduos que faziam incursões para o interior do país com intuito de capturar e escravizar povos indígenas.

Além disso, é possível identificar outras maneiras de exaltar as antigas estruturas da sociedade, como o pelourinho localizado na Praça Minas Gerais, no centro histórico de Mariana. O poder público utilizava a estrutura do pelourinho como um símbolo de opressão da época, ele era destinado a pessoas transgressoras das leis, que eram açoitadas enquanto acorrentadas a estrutura estrategicamente colocada no centro de uma praça pública. O pelourinho acima de tudo servia como forma de controle da população que deveria obedecer às regras, feitas na época pelos colonizadores e posteriormente por seus descendentes.

O pelourinho que hoje se localiza na praça Minas Gerais é uma réplica do antigo. Esse fato é um excelente exemplo de eco da sociedade colonialista que aparece na sociedade contemporânea por meio de ações voluntárias de pessoas que buscavam resgatar as relações sociais e os costumes do período colonial.

4 METODOLOGIA

Quanto a maneira como as fotos foram captadas tentei não sair com ideias e estéticas pré-concebidas, tendo o intuito de produzir fotografias que sejam reflexos do que se encontram nas ruas de Mariana, utilizando todo o potencial que as imagens fotográficas podem apresentar, evitando aplicá-las como meras ilustrações dos conceitos explicados neste texto.

Acompanhar o cotidiano, buscando perceber seus detalhes, mas sem tentar forçar sobre ele uma perspectiva específica, permitiu que eu encontrasse os ecos de maneira orgânica, evitando contaminar as imagens com conceitos que muito provavelmente seriam diretamente ligados a perspectivas coloniais e eurocêntricas.

Isso se faz de extrema importância já que este trabalho aspira ser crítico às noções coloniais.

Obviamente não sai para campo sem estar munido de concepções que me facilitaram encontrar esses ecos. Fotografei tendo em mente os conceitos já citados acima, fui a campo sabendo exatamente o que procurava, mas não munido de meios para forçar o surgimento destes conceitos.

Nas ruas, analisei as interações entre pessoas, acontecimentos do cotidiano, disposições geográficas da cidade e possíveis sinais desses ecos de maneira subjetiva. O olhar subjetivo é necessário, pois dificilmente esses ecos vão se mostrar de maneira clara, muitas vezes notá-los será um exercício complexo, feito por meio de conhecimento prévio acerca da sociedade de hoje e sua cultura.

Também é importante evitar seguir moldes colonialistas para produzir as fotografias, portanto esse trabalho buscou fugir da objetividade jornalística, pois o que foi tomado hoje como objetividade vem diretamente de conceitos e regras feitas por redações de jornais europeus e norte-americanos. Como analisa Fabiana Moraes e Marcia Veiga da Silva, no capítulo “ A Objetividade Jornalística tem raça e tem gênero: subjetividade como estratégia colonizadora”. do livro “Mídia e zeitgeist”

As construções simbólicas operadas na racionalidade dominante dos modos de objetivação jornalística historicamente participam do processo de diferenças em desigualdades, contribuindo para a manutenção e opacificação de ideologias como o machismo e o racismo (MORAES e VEIGA, 2021, p.113)

Sendo assim, elas repercutem um discurso dos povos colonizadores. Essa escolha, entretanto, não deve interferir na veracidade dos fatos, já que acredito que uma imersão nas ruas da cidade, reforçada por uma extensa pesquisa, mostraram com muito mais eficiência esses ecos do que uma visão objetificada e encarcerada em um manual jornalístico colonizador.

Ou seja, uma objetividade que integra a subjetividade, que sinaliza os significados possíveis a partir de uma visão que se constitui a partir de sistemas de percepção ativos que constroem traduções, interpretações e modos específicos de ver (MORAES E VEIGA, 2021, p.129)

Além da metodologia focada em produzir as fotografias, também foi necessário um cuidado especial com a parte jurídica e ética deste trabalho, para que eu não ferisse os direitos das pessoas que fotografo.

Segundo as autoras e autores do livro “Direito e Cultura: Aspectos Jurídicos da Gestão e Produção Cultural” coordenado por Alessandra Drummond e Rafael Neumayr,

A imagem pode ser definida como a apresentação gráfica de determinado objeto ou pessoa. No que se refere ao ser humano, ela é a forma de projeção externa do ser, o modo estético com o qual ele se comunica com o mundo. Por sua importância moral, psicológica, social e econômica para o indivíduo a imagem é protegida por lei. (DRUMMOND e NEUMAYRN, 2011, p.68)

Em caso em que eu não consegui a autorização expressa das pessoas fotografadas, as fotografias produzidas foram excluídas do produto final, com exceção daquelas que se provaram extremamente pertinentes para a construção do discurso acerca dos ecos da sociedade colonial. Já no caso de negativas expressas de autorização, as fotos não foram utilizadas.

Mesmo no caso de fotografias que eu não possua a autorização de uso de imagem, me apoiei em leis que permitam que eu publique essas fotografias baseados em outros pretextos jurídicos. O primeiro deles é o caso de fotografias de multidão, na qual pessoas específicas não são o foco da fotografia,

Nesse caso, fica claro que nenhuma das pessoas que integra a multidão é o foco principal da imagem. Por esse motivo e pela impossibilidade de prática de se coletar as autorizações de todas as pessoas presentes entende-se que não há necessidade de autorizações individuais. (DRUMMOND, 2011, p.69)

Outra jurisprudência importante é a não necessidade de autorização de imagens de pessoas públicas. Neste trabalho, pessoas como políticos e líderes religiosos podem ser importantes para construir a ideia de hierarquização da sociedade, nesse caso

Entendem os juízes que quando tais pessoas frequentam lugares públicos despertam naturalmente a atenção, motivo pela qual deveriam desenvolver

maior tolerância à captação e exposição de suas imagens, desde que não fosse para uso comercial ou com ofensa a moral e a honra (DRUMMOND, 2011, p.70)

Por fim, me utilizei da finalidade informativa, que abre uma exceção nos direitos de imagem

Alegam muitos magistrados que a imprensa, pelo papel social que exerce junto a população, tem o direito de veicular imagens de pessoas sem, desde que estejam envolvidas em fatos de interesse público. Trata-se, aqui, do direito da coletividade de acesso que se sobrepõem, em certos casos, ao direito individual à própria imagem. (DRUMMOND, 2011, p.71)

Isso se aplica neste trabalho por vários fatores. Primeiramente, porque mesmo que eu não esteja vinculado a um veículo de imprensa, nem seja formalmente considerado jornalista, estou terminando minha formação em um curso de Jornalismo, sigo os deveres éticos e busco os objetivos sociais relacionados à profissão, de maneira que minha atuação na fotografia não difere na prática de um trabalho fotojornalístico.

Além disso, o objetivo do trabalho está diretamente relacionado a uma luta social, por desejar demonstrar como preconceitos e sistemas de opressão seculares ainda restringem as vidas de inúmeras pessoas. O trabalho também está ligado diretamente à produção de fatos de interesse público, já que, assim como vários outros trabalhos de conclusão de curso, aspiro produzir conhecimento acerca de um assunto específico que afeta diretamente vários setores da sociedade atual sem visar o lucro ou a autopromoção.

5 ESCOLHA DO FORMATO

Para publicar as fotografias, o formato fotolivro foi escolhido por vários motivos. Entre ele também estava cogitando as ideias de um site ou de apenas um portfólio, porém descartei essas opções pelos motivos que explicarei abaixo.

O fotolivro foi escolhido devido a sua versatilidade. Nele poderei trabalhar a junção de texto e imagem com mais facilidade, isso, com toda certeza, será, muito importante para a realização do trabalho, já que para encontrar os ecos em muitas

das fotos é necessário um conhecimento aprofundado dos conceitos com os quais estou trabalhando. Sendo assim, uma utilização coesa do texto e das imagens de maneira que as fotos não sejam apenas ilustrações dos conceitos abordados textualmente agregará muito a meu trabalho, auxiliando o espectador a entender a proposta e identificar o discurso por trás das imagens

A linearidade presente no livro de fotografias também será importante para conseguir produzir o discurso que desejo, já que as fotos precisam ser vistas em uma ordem específica, além de serem organizadas de maneira a deixar o discurso mais translúcido.

A ideia do site por um lado permitiria que eu adicionasse outros tipos de mídia como vídeos e áudios no ensaio final, além de possibilitar a utilização de hiperlinks. Porém, essa plataforma foi descartada, pois, para criar tal produto seria necessário me aprofundar com maior afinco em noções de programação, o que poderia fazer com que eu não conseguisse cumprir o cronograma proposto.

O portfólio, por outro lado, seria uma plataforma de apresentação muito mais rápida, na qual eu não precisaria me preocupar com design, paginação ou programação. Porém, essa plataforma traz consigo a limitação de não permitir a utilização textual como o fotolivro permite, dificultando o entendimento do discurso que aspiro produzir. Além disso, não poderia contar com as narrativas e sentidos que eu poderia criar através da paginação e do design que o livro de fotografia proporciona.

6 FONTE LEGENDAS

A fonte escolhida para a legenda é a Garamond 8. Ela é uma fonte serifada baseada na tipografia de Claude Garamond produzida por volta de 1530. Como escreve Elen Lupton em seu livro “Livro Independente: Um guia para autores, artistas e designers” a versão dessa fonte que temos hoje foi criada por Robert Slimbach em 1989, buscando remeter às tipografias clássicas do renascimento.

Além de ser uma fonte serifada e possuir características que trazem uma certa elegância estética, sendo assim uma excelente fonte para produtos impressos, eu

escolhi essa fonte para as legendas justamente por ela, assim como os ecos que estou estudando, ter sobrevivido séculos e ainda ser utilizada nos dias de hoje.

7 MEMORIAL

No mês de maio, a produção das fotografias e do texto para meu trabalho de TCC não foram satisfatórias. Devido a uma série de problemas pessoais, não consegui fazer minhas idas a campo para fotografar ou fazer as pesquisas necessárias para a execução teórica do trabalho. Minha produção só começou a aumentar no mês de junho quando iniciei meu processo de acompanhamento psicológico e resolvi boa parte dos problemas pessoais que estavam me desgastando e impedindo a execução satisfatória do trabalho.

As primeiras saídas no mês de junho não renderam muitas fotos, mas foram úteis para que eu pudesse, através da observação empírica da cidade, ter ideias de possíveis fotografias. Até o momento, os trabalhos de campo focaram no centro histórico e consegui materiais bons devido à arquitetura colonial do local combinada com as fachadas de lojas mais modernas e devido também ao grande fluxo de transeuntes com diferentes características como operários das mineradoras, pessoas em situação de rua, turistas, vendedores ambulantes, funcionários públicos, policiais e guardas municipais entre outros. Com todos esses aspectos é possível dizer que o centro de Mariana em seus horários de efervescência apresenta pessoas de variadas classes sociais interagindo entre si e com o espaço onde habitam.

Um dos lugares que mais visitei foi o bairro Barro Preto, onde se localiza a Policlínica, centro de atendimento médico mais procurado de Mariana. Lá, o fluxo de trabalhadores das mineradoras é grande, o que se mistura com a movimentação de pessoas de outras profissões, além de muitos estudantes. O horário de pico é por volta das 5 horas da tarde, quando caminhões e ônibus, carros e motos disputam espaços com transeuntes de diferentes idades, localidades e religiões, todos

passando pelo mesmo local para retornarem a suas casas depois de um dia longo de trabalho.

Uma foto interessante é do constante fluxo de caminhões nas avenidas que faz com que uma grande névoa de poeira paire no ar. A foto, simboliza a presença da mineração na cidade de Mariana, pois a poeira da terra retirada das escavações inunda o ar. É como se a mineração impactasse diretamente e de maneira negativa no ar que respiramos. A fotografia torna-se ainda mais impressionante com a iluminação correta, já que a luz do sol se pondo faz com que as partículas de poeira brilhem, dando uma qualidade estética muito bela à foto.

Uma foto das vestimentas EPIs penduradas nos varais de Mariana também poderia ser interessante. Muitos varais da cidade de Mariana são repletos dessas roupas, muitas vezes esses varais estão localizados em casas mais simples. Mostrar como essas roupas parecem estar diretamente ligadas às casas de pessoas de baixa renda. Isso pode demonstrar como os trabalhadores braçais dessas empresas ainda são muito mal pagos e fazem parte de uma população marginalizada na cidade.

Durante o mês de julho a necessidade de começar a pensar na paginação do livro também dificultou minhas idas ao campo, já que pensar em como organizar as fotografias e escrever os textos de abertura e as legendas me demandou mais tempo do que eu imaginava. Dessa forma, foram poucas as idas a campo, mas consegui algumas das fotografias que queria, como, por exemplo, a dos caminhões da Vale levantando poeira nas ruas da cidade. Foi nesse mês que também tive a oportunidade de acompanhar a “Calourada Preta”, evento promovido pelo Coletivo Negro Braima Mane, que ocorreu no Instituto de Ciências Humanas e Sociais e com isso pude obter fotos interessantes para o capítulo “A Resistência”.

Durante esse mês, o trabalho de paginação foi desafiador de certa forma, já que até então eu não tinha uma ideia concreta de como organizar as fotografias. O mais difícil era explicar um conceito tão complexo como os ecos apenas através da fotografia. A primeira possibilidade é a de colocar textos explicativos ligados às imagens, porém com isso arriscava fugir das características de um fotolivro, sendo

que dessa maneira era muito provável que as fotografias passassem a ser meras ilustrações dos textos, perdendo assim sua força imagética.

Este problema foi resolvido através da divisão em capítulos, dessa maneira poderia dividir as fotografias em conceitos-chave e utilizar textos maiores e mais explicativos no início, assim o leitor entenderia o tema que estou trabalhando, mas a interpretação das fotos fica livre.

Tendo um esqueleto básico de como o livro funcionaria, iniciei o processo de edição final e seleção de todas as fotos. Utilizei fotografias que fiz durante minhas idas a campo, assim como fotografias antigas que produzi durante meu estágio na Agência Primaz de Comunicação de Mariana para conseguir complementar o conteúdo.

No fim do mês de julho, eu consegui material não para produzir o produto completo que eu gostaria de ter ao entregar o trabalho de conclusão de curso, aprendi durante esses meses que o trabalho de um fotógrafo é muito mais difícil e consome muito mais tempo do que eu imaginava. Sobretudo, mais neste caso no qual atuei como fotógrafo, editor, redator e designer e ainda conciliei isso tudo a minha vida pessoal.

Sendo assim, já no final do mês de julho encerrei minhas idas a campo por completo, e comecei apenas a trabalhar o material já produzido, com o intuito de concluir uma versão prévia do que seria o livro completo. A reta final foi composta por produção textual do memorial e dos textos de abertura de capítulos e das legendas, edição e reedição das fotografias e paginação do livro.

8 EXPLICAÇÃO CAPA

Para a capa foi escolhida uma foto do calçamento de paralelepípedos de pedra da cidade de Mariana. Eles representam bem o conceito que trabalho, pois assim como os ecos que estou estudando, eles são uma estrutura moderna cujo objetivo é retomar algo do passado. Eles não estão nas ruas desde o surgimento da cidade, foram colocados depois com o intuito de manter uma estética visual que remetesse aos tempos coloniais.

Além disso, eles se solidificaram no imaginário da cidade, muitos quando pensam em Mariana se lembram das ruas de pedra e, dessa forma, colocá-los na capa remete a vários pontos diferentes da cidade.

A fonte está em caixa alta e com tarjas pretas atrás das palavras para aumentar a legibilidade do título e do nome do autor, já que se colocados diretamente acima da foto eles teriam sua legibilidade comprometida.

A fonte escolhida para o título é a Cinzel, ela está disponibilizada gratuitamente online e, segundo seu criador, foi inspirada nas primeiras inscrições feita pelos romanos no século I, sendo assim, ela segue proporções clássicas, porém é feita para os dias atuais, tendo uma espessura e forma pensadas para funcionarem bem com as impressoras e telas modernas. Ela foi escolhida por seu caráter clássico que remete ao passado e por sua boa legibilidade e estética que se encaixam bem na proposta do livro.

9 EXPLICAÇÃO DA CONSTRUÇÃO NARRATIVA

Para melhor demonstrar o discurso que almejo transmitir com esse fotolivro, ele foi dividido em quatro capítulos, cada um com uma temática principal. Esses capítulos são “As Ruas” “A extração” “A violência” e “A Resistência”. Eles foram pensados para cobrir uma gama grande de possibilidades fotográficas acerca dos ecos. Cada capítulo se inicia com um texto de abertura, esse texto é pensado para dar ao leitor uma linha de pensamento para seguir ao interpretar as imagens, dessa maneira consigo sinalizar quais conceitos quero trabalhar com os grupos de imagem específicos, me afastando da necessidade de ter legendas extensas para explicar o conteúdo delas.

O primeiro capítulo, denominado “As Ruas” foca em dar ao leitor uma visão ampla do ambiente a ser estudado. Com esse capítulo o leitor pode entender como se distribui geograficamente a cidade de Mariana e ter uma ideia de como ela é esteticamente. A ideia é que mesmo quem nunca tenha visitado Mariana consiga entender minimamente como ela é. Metodologicamente, com esse capítulo estou recortando e caracterizando o ambiente a ser estudado no livro.

O segundo capítulo denominado “A Extração” começa a trabalhar um lado mais metafísico do livro, aqui estou trabalhando com o lado teórico. Intitulando o capítulo como extração, posso começar a explicar o processo de colonização, já que, assim como foi explicado acima, a extração é um dos principais motivos para os colonizadores começarem suas colônias. Neste capítulo, a extração se refere não apenas à extração do minério, mas também da força de trabalho.

O terceiro “A Violência” se refere às maneiras de opressão que a sociedade colonial utiliza para manter o processo de dominação que ela exerce sobre os colonizados. Nesse capítulo me refiro a vários tipos de violência, desde a violência física praticada por agentes do estado, a violências morais e simbólicas que podem ocorrer de maneira quase imperceptível nas ruas da cidade.

O último capítulo, “A Resistência” finaliza o livro com um ar de otimismo, ao pensar que as provas da existência desses ecos não estão somente na estrutura opressora que ainda vigora, mas também no fato de existirem grupos de resistência que vão contra essa estrutura.

A escolha do preto e branco nas fotografias se deve, pois esse tipo de fotografia contribui para um reforço de forma e linhas, características que podem ser suprimidas quando a fotografia é colorida, já que cores muito vibrantes distraem o leitor. O preto e branco não sofre com esse problema, assim ações e formas, características que são as mais importantes para a percepção dos ecos, se sobressaem.

Além disso, a escolha também parte de uma inspiração no trabalho do fotógrafo Sebastião Salgado, cujo trabalho aprecio muito. Segundo ele, o preto e branco reforça os olhares, já que a esclera do olho em contraste com a pupila faz com que os olhos saltem na fotografia.

10 CONCLUSÃO

Em conclusão, acredito ter conseguido construir um fenômeno sólido e defender sua existência de maneira coesa com embasamento em trabalhos de pesquisadores

renomados. Através das minhas idas a campo e das fotografias consegui identificar esses fenômenos nas ruas de Mariana, estas se provaram um terreno fértil para encontrar situações ligadas a este conceito. Ao organizar essas fotografias no formato de fotolivro acredito ter conseguido demonstrar tudo isso de maneira didática.

Porém devo admitir que o resultado final não é exatamente o que eu estava esperando quando iniciei esse projeto. A criação de um fotolivro demandou muito mais de mim do que eu imaginei que demandaria e não consegui concluir tudo que gostaria em tempo hábil, de maneira que esta versão do produto é apenas um mockup do que seria o livro que pretendo criar.

Tendo dito isso, ainda acredito que este produto cumpre com o proposto retratando os ecos mesmo que de maneira breve. Além disso, com a produção deste trabalho aprendi muito acerca de diversas áreas como fotografia, pesquisa acadêmica, produção textual, paginação, design entre outras, de maneira que, mesmo se eu for aprovado, desejo continuar produzindo esse trabalho para que, se possível, possa publicá-lo no futuro.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **“Retrotopia”**. Rio de Janeiro. Editora Zahar,, 2017

BOMFIM, Ivan. et al. **Mídia e Zeitgeist**. 1º edição. Editora Insular. 2021

CORTINA, Adela. **“Aporofobia, a aversão ao pobre: Um desafio para a democracia”** Editora Contracorrente, São Paulo, 2020.

DRUMMOND, Alessandra. et al. **Direito E Cultura. Aspectos Jurídicos Da Gestão E Produção Cultural**. 1ª edição. Belo Horizonte. Editora Del Rey. 2011

FERRO, Marc **A Colonização Explicada a Todos**. 1ª edição Editora Unesp;, 2017

SCHAWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. 1ª edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2019

SOUZA, Jessé. **A Classe Média no Espelho: Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro. Editora Estação Brasil. 2018

YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. **Sears & Zemansky física II: termodinâmica e ondas**. 12. ed. São Paulo: Pearson, 2008.